

Desenvolvimento de habilidades orais em língua inglesa no curso de Letras: uma experiência

Douglas Altamiro Consolo

Maisa Jussara Martins

Priscila Petian Anchieta

Resumo

O desenvolvimento da competência oral em língua estrangeira nos cursos de Letras constitui uma questão-problema, pois os alunos formados nesses cursos não atingem níveis de proficiência oral adequados para lecionar satisfatoriamente nas línguas estrangeiras de sua certificação. Considerando-se que desenvolver tais habilidades faz parte do currículo, realizou-se um estudo da experiência de ensino-aprendizagem de língua inglesa, com foco na compreensão e na produção oral dos alunos, em uma disciplina do curso de licenciatura em Letras de uma universidade pública, para se verificar como promover o desenvolvimento da competência oral nessa língua estrangeira. Com base nas observações e nos diários de pesquisa coletados ao longo de um ano letivo, discutem-se, neste capítulo, as atividades didáticas propostas na disciplina, a atuação do professor, os processos de interação verbal na sala de aula e a avaliação do rendimento dos alunos.

Palavras-chave: oralidade; competência; formação de professores; interação; curso de Letras; língua inglesa.

Abstract

Development of speech skills in English in the Language and Literature Courses: an experience

The development of speech skills in foreign languages at the Language and Literature Courses is an issue in the pre-service training of teachers, because when they graduate, these students hardly ever display the language competence necessary to satisfactorily be foreign languages teachers. This text describes an experiment carried out at a public university, in an attempt to promote this competence. Observation notes on classroom activities and journals produced during one year, as well as teacher's performance, the interaction among students and the assessment of the students' performance comprise the data that is analyzed in order to evidence how speech competence can be increased.

Keywords: speech skills; competence; teacher's training; Language and Literature course; English language.

32 A formação de professores de língua estrangeira (doravante LE) constitui um dos principais temas das pesquisas em Linguística Aplicada, na área de ensino e aprendizagem de línguas. Dentre as questões-problema abordadas, o fato de que muitos alunos-formandos, e mesmo profissionais em exercício, ainda não possuem competência satisfatória para se comunicar oralmente na língua estrangeira de sua licenciatura tem sido abordado por pesquisadores brasileiros, por exemplo, Consolo (2005), Martins (2005) e Silva (2000). O fato de uma porcentagem de alunos formados em cursos de Letras não atingirem níveis de proficiência oral adequados para lecionar satisfatoriamente nas línguas estrangeiras de suas certificações influencia negativamente a qualidade do ensino de LE no país.

Com base em Almeida Filho (1998), pode-se refletir sobre uma experiência de ensino e aprendizagem à luz do modelo da Operação Global de Ensino de Línguas, o qual contempla os diversos aspectos da abordagem de ensinar do professor. Nesse sentido, sabe-se que a abordagem de ensinar e as competências do docente influenciam na prática pedagógica, bem como na escolha do material, no desenvolvimento das aulas, na forma de avaliar os alunos e nas habilidades privilegiadas. Uma vez que essa consciência sobre o processo de ensino-aprendizagem designa a competência implícita do professor e que, a partir dela, faz-se evidente sua competência aplicada, pode-se afirmar que os procedimentos adotados por esse professor, consciente ou inconscientemente, em sala de aula, determinam o êxito ou insucesso na aprendizagem dos alunos.

Dessa maneira, a fim de se obter um diagnóstico acerca do ensino e da qualidade da produção oral de futuros professores de LE, no caso deste trabalho, é necessário levar em conta aspectos fundamentais do processo de ensino-aprendizagem que dizem respeito não somente à abordagem de ensinar do professor, mas também à abordagem de aprender dos alunos.

Almeida Filho (1992, p. 77) constatou a preocupação com a competência oral dos professores de LE ao afirmar que o professor se forma “com uma licenciatura dupla em Português e em uma LE, mas as capacidades linguísticas e teórico-pedagógicas (*sic*) resultantes dessa formação para ensinar LE não convenceriam ninguém”. Ele apresentou dados estatísticos referentes ao uso da língua inglesa (LI) por parte de docentes em sala de aula, verificando que “60% dos professores faz uso restrito da LE e apenas 40% parece se inclinar a usar a LE mais frequentemente” (p. 80). Ademais, constatou-se nessa pesquisa que,

nas duas habilidades coordenadas da fala e compreensão de linguagem oral, perto de 80% dos professores da amostra se acham ‘capazes de perceber o sentido de fala simples’, fluente e educada apenas sobre assunto geral conhecido, capazes de falar sem hesitações e tropeços constantes sobre tópicos preparados e de usar expressões comuns que permitam comunicação elementar na língua com pronúncia razoavelmente inteligível para o falante fluente. (Almeida Filho, 1992, p. 81).

Os dados de Almeida Filho (1992) contribuem para nossa pesquisa, no sentido de possibilitar a verificação das informações fornecidas pelo autor no contexto específico da formação de professores de LE de uma universidade pública, focando a atenção, entre outros aspectos, na habilidade do professor de promover interação verbal entre os alunos. Isso se torna necessário, já que, segundo Consolo (2005a, p. 269), o professor de LE deve desempenhar dois papéis fundamentais: “atuar no processo de geração de insumo para a aquisição da língua-alvo e engajar-se na interação verbal com os alunos para o desenvolvimento da proficiência oral dos mesmos”.

Diante dessas premissas, foram observados, durante a pesquisa realizada em sala de aula, os seguintes aspectos:

- atuação do professor na interação em sala de aula;
- atuação dos alunos na interação, no mesmo contexto;
- recursos e materiais didáticos para o ensino das habilidades orais.

É importante ressaltar que, neste estudo, professor e aluno não são analisados isoladamente. Afinal, o docente é apenas um facilitador no processo de aquisição de uma LE, e ele, por sua vez, espera de seus alunos um retorno positivo ao processo de aprendizagem. Uma aula de LE gira em torno desse processo mútuo. Nesse sentido, é correto afirmar que o fracasso ou sucesso na aquisição de uma LE se dá não somente pelas ideias que o aluno tem sobre a língua-alvo, mas também pela relação que o professor estabelece com os aprendizes, com o material didático e, sobretudo, com a própria língua-alvo. Sabe-se que esses aspectos são moldados e definidos na abordagem do docente ao longo de sua vida profissional. No entanto, não se pode negar que o professor teve uma base inicial, verificada no momento em que ele estava sendo formado, ou seja, quando ainda era, por exemplo, aluno do curso de Letras. Portanto, o desenvolvimento insuficiente da habilidade oral dos alunos pode ser explicado pela falta de competência oral dos seus próprios professores, problema talvez decorrente de uma formação pré-serviço inadequada.

Assim, além de observar a competência oral de alunos de Letras que estudam uma LE, a pesquisa aqui relatada verificou alguns problemas referentes ao tratamento da oralidade encontrados constantemente em diferentes contextos de ensino, mas que podem também se manifestar nos contextos de formação de professores, como a seleção de temas e elaboração de materiais didáticos, atividades de sala de aula que desfavoreçam a interação na língua-alvo e procedimentos de correção de erros na produção oral dos alunos.

A seguir, relatamos como o estudo foi conduzido, trazendo dados de sala de aula e discutindo os aspectos do ensino e a aprendizagem das habilidades orais que nos propusemos investigar.

Desenvolvimento da pesquisa

Preocupados com a questão supracitada, desenvolvemos uma pesquisa em uma universidade pública do Estado de São Paulo com base em dados coletados por duas alunas do 4º ano de licenciatura em Letras, em caráter de atividades de iniciação científica, no âmbito do Projeto Competência Linguística em Língua Inglesa de Alunos de Letras: Definição de Parâmetros na Formação e Avaliação da Proficiência Oral do Professor de Língua Estrangeira (Consolo, 2005b). Os dados são constituídos por informações registradas em diários das aulas de uma disciplina optativa denominada Interação Oral em Língua Inglesa (Ioli), oferecida aos alunos do 3º e do 4º ano do mesmo curso.

As aulas da disciplina Ioli foram registradas em diários de pesquisa, elaborados por duas alunas que cursavam a disciplina, sendo que uma delas se responsabilizou pelos diários durante o primeiro semestre e a outra continuou o trabalho no segundo semestre do ano letivo. Essa divisão de trabalho foi necessária porque a primeira aluna não cursou a disciplina no segundo semestre, devido a uma viagem de intercâmbio aos Estados Unidos.

Por meio da observação das aulas pelas alunas pesquisadoras, foram elaborados diários de todas as 23 aulas (com duração de uma hora e quarenta minutos cada) oferecidas durante o curso. Os diários visavam a registrar o trabalho na disciplina como um todo e abrangiam, de modo mais pontual, aspectos como a postura do professor, o comportamento dos alunos, o material didático utilizado, a organização dos tópicos discutidos e a interação verbal em sala de aula, dentre outros detalhes.

A disciplina Ioli tem o intuito maior de colaborar com a formação de professores de LI no sentido de aprimorar a proficiência oral dos alunos e estimulá-los a se comunicar na língua-alvo. A metodologia das aulas e os conteúdos tratados se baseiam na experiência relatada por Consolo e Silva (2006), sobre um trabalho de ensino de compreensão e produção oral em uma disciplina do curso de Licenciatura em Letras – Inglês e Português, de uma universidade pública no Estado do Rio de Janeiro.

No decorrer das aulas observadas, a comunicação na língua-alvo foi imprescindível, sendo que o professor, sempre que possível, estimulava os alunos a interagirem em LI. Os únicos momentos em que a língua materna foi utilizada foram aqueles em que conversas paralelas aconteciam, conforme registrado em um dos diários: "Toda discussão feita em sala de aula utiliza a LI. Algumas exceções acontecem

nas conversas paralelas entre os alunos, que vivem cochichando” (Diário da aula nº 13 – dia 15 de agosto de 2007).

O professor que ministrou a disciplina era visto como um exemplo aos alunos, visto que demonstrou ter consciência da importância que existe em formar alunos proficientes por meio do seu fazer pedagógico. Embora a disciplina tenha como foco principal o desenvolvimento da proficiência oral, em muitos momentos, o caráter de licenciatura do curso também foi levado em consideração, no sentido de que a linguagem do professor e o discurso de sala de aula deveriam ser contemplados.

Muitas vezes, ao desenvolver atividades comunicativas, como o trabalho com figuras expostas no *PowerPoint* e a discussão feita em pares, o professor questionava os alunos a respeito do modo como eles desenvolveriam tais atividades em suas próprias aulas de LI. Podemos verificar esse acontecimento no seguinte trecho da aula nº 15:

Diário da aula nº 15 – dia 8 de agosto de 2007

O professor pergunta se os alunos acham que figuras podem ser usadas em uma aula de língua inglesa e a forma como elas devem ser utilizadas. Alguns alunos que já atuam como professores dizem que, por meio de figuras, podem ser trabalhados tópicos como cultura e vocabulário, e explicitam algumas estratégias que já utilizaram. O professor, mais uma vez, dirige-se aos alunos como *teachers to be*, levando-os a refletir e ensinando-lhes possíveis estratégias de ensino-aprendizagem de LI.

Já no primeiro dia de aula, os alunos entraram na sala de aula conversando em língua portuguesa e o professor deixou claro que eles deviam falar apenas em LI, como consta no seguinte trecho de diário:

Diário da aula nº 1 – dia 28 de fevereiro de 2007

Ao entrarem na sala, todos os alunos estavam conversando em português. O professor, em silêncio, escreveu na lousa "*Please, switch to English. Keep talking*". De repente, todos se calaram. Houve também alguns risos. Ele continuou se comunicando com os alunos, escrevendo na lousa sentenças como "*Did I say 'be quiet'?*"

A partir desse momento, os alunos já perceberam que a língua-alvo deveria ser priorizada. O fato de que a sala era composta por alunos dos 3º e 4º anos influenciou diretamente no desenvolvimento das aulas. No início do ano letivo, notava-se que os alunos do 4º ano obtinham maior participação durante as aulas, enquanto que os do 3º, na maioria das vezes, apenas prestavam atenção no que era dito e se comunicavam por meio de sorrisos e gestos, como foi observado:

Diário da aula nº 1 – dia 28 de fevereiro de 2007

Com relação aos dois grupos que compõem a sala, verificou-se que o grupo do terceiro ano é mais reservado, as alunas sentiam-se tímidas em expor suas opiniões e, por isso, não interagem com o professor e o resto da turma. Por outro lado, o grupo do quarto ano mostrou-se mais extrovertido e espontâneo, provavelmente por já terem tido contato com esse professor.

Essa diferença entre os dois grupos permaneceu durante muitas aulas. Porém, devido ao trabalho em grupos que o professor desenvolvia, a interação entre a sala passou a ser gradativamente maior.

Foram desenvolvidas atividades nas quais alunos que geralmente não trabalhavam juntos, iriam agora trabalhar. Por exemplo, o professor atribuía números aos alunos da classe, em duas metades, e cada aluno deveria se sentar com aquele que tivesse recebido o mesmo número, da outra metade do grupo. Foi a partir de atividades como essa que a interação entre os dois grupos passou a se tornar maior, visto que um laço de amizade também foi estabelecido, o que levou o grupo de alunos do 3º ano a participar com maior frequência das aulas. Essa mudança é constatada no seguinte excerto de diário:

Diário da aula nº 12 – dia 8 de agosto de 2007

A estratégia de separar pares que normalmente trabalham juntos fez com que os alunos do terceiro e do quarto anos pudessem se conhecer melhor e criar um laço de amizade. Em outras palavras, além de as aulas passarem a ser mais interativas, os alunos estavam se tornando mais amigos.

Dessa forma, alunos que antes não participavam tanto das aulas passaram a se comunicar mais, o que ajudou o professor a ter uma visão maior do perfil da proficiência oral desses discentes, uma vez que o trabalho em pares, ao mesmo tempo em que os estimulam a falar mais à vontade, facilita ao professor monitorá-los em duplas, podendo tanto auxiliá-los como avaliar o desempenho deles. Vale ressaltar que, por outro lado, embora essa interação tenha se tornado maior, ainda se percebeu, até o término do curso, uma resistência dos alunos em participar das discussões entre a sala como um todo, como foi registrado no seguinte diário:

Diário da aula nº 12 – dia 8 de agosto de 2007

Já no final da aula, o professor pede para que os grupos respondam as perguntas de acordo com o que foi por eles discutido. Nesse momento, acontece uma certa resistência por parte dos alunos em começar a falar, mas, depois que o primeiro grupo falou, os demais se sentiram mais à vontade.

Em uma aula de interação oral, é imprescindível que o professor faça uso de estratégias que estimulem os alunos a se comunicarem de forma espontânea e natural. Nas aulas de Ioli, a escolha dos temas e a forma com que eles foram trabalhados influenciaram diretamente o desempenho dos alunos. Não se seguiu nenhum livro didático ou critérios puramente linguísticos. Amostras da língua-alvo foram extraídas de diversos livros (didáticos e paradidáticos), textos de jornais e revistas, materiais disponíveis na internet, canções e filmes em DVD. Na maioria das vezes, o professor trabalhava com apresentações de *PowerPoint* nas quais figuras, jogos, filmes, conteúdos gramaticais, textos, enfim, diferentes tipos de conteúdos eram mostrados e atividades didáticas eram desenvolvidas.

Temas atuais e de caráter polêmico eram propostos para discussão. Por exemplo, as relações amorosas foram discutidas em cerca de três aulas, utilizando-se diferentes exercícios, como músicas românticas, que os alunos ouviam, completavam lacunas, escolhiam expressões de vocabulário, discutiam em pares a respeito das lacunas completadas, interpretavam as letras, respondiam perguntas direcionadas e aprendiam novo vocabulário.

Um ponto positivo em se discutir temas dessa natureza é que, normalmente, os alunos discutem aspectos da vida real, contam experiências pessoais, opinam, contrapõem e defendem pontos de vista. Dessa forma, além de serem aulas de LI, os alunos participam de aulas em que podem desenvolver o pensamento crítico e se posicionar diante dos diversos fatos que acontecem no mundo cotidiano, como observado na aula de número 12:

Diário da aula nº 12 – dia 8 de agosto de 2007

Percebe-se que atividades como essas fazem com que os alunos façam um uso real da língua, pois expõem opiniões próprias e contam fatos da vida real, além de utilizarem a língua-alvo. Todos parecem interessados no assunto e falam bastante.

Ainda em relação aos temas abordados, podemos ressaltar que, desde o início do curso, o professor procurou trabalhar com temas que fossem do interesse dos alunos. Um exemplo desse fato foram as aulas do primeiro semestre, em que temas de viagens, medo de avião, acessórios que os passageiros ganham quando viajam foram abordados (e o professor mostrou aos alunos a *realia* que ele tinha trazido de viagens que realizou). Essa escolha foi diretamente relacionada ao fato de que três alunos da classe iriam fazer uma viagem de intercâmbio aos Estados Unidos no segundo semestre. Sendo assim, as aulas colaboraram diretamente com a vida desses alunos e também com a vida dos demais, que também planejavam viajar futuramente para o exterior. Essa observação foi registrada no seguinte trecho:

Diário da aula nº 7 – dia 11 de abril de 2007

Para iniciar a aula do dia, foi lembrado, antes de mais nada, o assunto discutido na última aula: medo de avião. O professor afirmou que preparou essa lição especialmente para três alunos matriculados na disciplina, que, no segundo semestre, realizarão um intercâmbio em Louisville, nos Estados Unidos, e farão sua primeira viagem de avião.

Antes de finalizar o primeiro semestre, o professor aplicou um questionário aos alunos com perguntas abertas, com o intuito de verificar suas impressões a respeito do curso, do material utilizado, das atividades, do desenvolvimento das aulas e dos temas escolhidos até aquele momento.

Tal questionário possibilitou que o professor repensasse seu fazer pedagógico de forma a adaptar melhor o andamento das aulas ao perfil dos alunos. Depois que os alunos responderam o questionário, houve uma discussão oral, mais direcionada,

acerca dos tópicos desenvolvidos em sala de aula, em que os discentes puderam opinar a respeito dos assuntos que mais gostaram e justificar suas escolhas.

É significativo o fato de que a opinião dos alunos é muito importante para o desenvolvimento do curso, pois o professor procurou respeitar o perfil de cada um e tentar, ao máximo, criar situações de interação em que todos se sentissem à vontade para se expressar, como apontado no seguinte trecho do diário:

Diário da aula nº 11 – dia 1º de agosto de 2007

Antes de os alunos saírem de férias o professor aplicou um questionário sobre o curso, com o intuito de saber o que os alunos estavam achando das aulas e quais assuntos eles gostariam de discutir. Essa foi uma decisão muito positiva do professor, pois, assim, os alunos puderam expressar suas opiniões, criticar, lançar mão de elogios, sem serem identificados. Por meio das sugestões dadas pelos alunos, o professor pôde direcionar melhor suas aulas, refletindo sobre o seu fazer pedagógico.

Os alunos foram avaliados de acordo com o desempenho que tiveram em cada aula, ou seja, eles eram avaliados a cada atividade proposta. Outra forma de avaliação mais específica empregada foram apresentações de seminários temáticos feitas pelos alunos. Os tópicos foram escolhidos por eles, sendo que cada um tinha cerca de trinta minutos para fazer sua apresentação.

A apresentação de seminários é uma forma muito produtiva para se avaliar a proficiência oral (PO) dos alunos, visto que eles fazem uso da língua-alvo de forma, ao mesmo tempo, espontânea e característica da fala do professor ao explicar determinado assunto e tentar serem compreendidos pelos colegas de classe e pelo próprio docente.

Embora os seminários permitam que o discente organize sua fala com certa antecedência, a situação de comunicação é autêntica, pois os alunos da classe interagem, fazem perguntas e participam das apresentações, gerando, inclusive, situações de uso da língua-alvo não previstas.

Por meio dos seminários, o professor pode analisar, de forma mais detalhada, a qualidade da produção oral dos alunos e a postura deles em situações dessa natureza, ao se expressarem em língua inglesa diante de uma classe. Além do aspecto da comunicação oral, foi também levado em conta o desempenho gramatical dos alunos-apresentadores, a organização das apresentações e a familiaridade com o tema, dentre outros fatores. Essa foi uma maneira eficaz de se avaliar a produção dos alunos, visto que, ao final de cada apresentação, o professor traçava comentários gerais a respeito do desempenho do aluno, corrigindo eventuais desvios linguísticos e dando sugestões de aprimoramento.

Embora não seja totalmente agradável ser corrigido diante da sala, os alunos, de forma geral, não se sentiam ofendidos com a metodologia do professor, pois ele procurava ser o mais educado e discreto no momento da correção. Um aspecto positivo é que, no decorrer das apresentações, o professor apenas interferia com o intuito de interagir sobre o assunto, colaborando com a dinamicidade dos seminários, como se pode verificar no seguinte excerto:

É muito interessante a forma com que o professor corrige seus alunos nas apresentações dos seminários. Primeiramente, ele ouve os apresentadores e interage como se fosse um dos alunos. Apenas no final da apresentação, ele faz as devidas correções, de forma a orientar como uma boa apresentação com *PowerPoint* deve ser feita, a postura que se deve adotar e os erros de proficiência que cada um apresenta. É uma forma de avaliar educadamente, sem magoar nenhum aluno, contribuindo para sua formação.

Ficou claro, durante as apresentações dos seminários, a evolução que os alunos tiveram no decorrer do curso. Muitos que não participavam de conversas, que incluíram a sala como um todo, puderam demonstrar o desempenho que tiveram na língua-alvo. Embora existiram fatores, como o nervosismo e a ansiedade, que prejudicaram o desempenho de alguns, de forma geral, as apresentações demonstraram que a classe era capaz de se comunicar muito bem, ainda que existissem pontos a serem melhor trabalhados e que eram expostos pelo professor ao término de cada seminário.

Os alunos foram também submetidos a uma prova de compreensão oral, aplicada no penúltimo dia de aula. Essa escolha foi coerente ao curso, pois vários exercícios de *listening comprehension* tinham sido utilizados durante as aulas. No dia da avaliação, os alunos receberam uma prova de duas partes compostas por exercícios diversos. O intuito maior dessa avaliação foi verificar a compreensão dos alunos ao ouvir a LI e não o conhecimento gramatical que eles possuíam. Uma das partes dessa prova encontra-se no Anexo 1, com o intuito de ilustrar os tipos de tarefas desse instrumento de avaliação.

Considerações finais

Por meio da observação de aulas de uma disciplina na qual foram tratadas especificamente as habilidades orais de futuros professores de LE, foi possível verificar as diferentes estratégias de se trabalhar a competência oral e as diferentes maneiras de se avaliar a PO, desses alunos, em língua inglesa.

A postura e o comportamento do professor foram imprescindíveis para o bom andamento das aulas e o bom rendimento dos alunos. O fato de que as opiniões dos alunos eram sempre levadas em consideração fez com que a relação professor-aluno fosse positiva e possibilitasse uma comunicação real e amigável durante as aulas, fazendo com que a disciplina contribuísse diretamente para a formação desses alunos.

O ambiente descontraído, determinadas vezes marcado pelo tom humorístico de comentários do professor ou de alguns alunos, e as técnicas de dinâmicas de grupos utilizadas permitiram que os alunos se sentissem mais à vontade para falar na LE, além da cuidadosa seleção de conteúdos abordados e propostos para discussão, que motivou os alunos a participar das aulas.

Diversos aspectos da experiência da disciplina Ioli são retomados no diário da última aula, apresentado no Anexo 2. Nesse diário, verificam-se também os procedimentos utilizados para a discussão da avaliação com os alunos e o fato de que foi

utilizada uma nota de auto-avaliação, além das notas dos seminários e da prova de compreensão oral.

Nosso estudo indica ser importante planejar disciplinas que atendam às verdadeiras necessidades dos alunos em formação de professores. As habilidades orais podem ser trabalhadas de modo a fornecer aos alunos oportunidades e subsídios ao aprimoramento de sua competência oral em LE, bem como a experiência de serem expostos a ideias de como ensinar compreensão e produção oral.

Referências bibliográficas

ALMEIDA FILHO, José Carlos Paes. *Dimensões comunicativas no ensino de línguas*. Campinas, SP: Pontes, 1998.

_____. Professor de língua estrangeira sabe a língua que ensina? A questão da instrumentalização linguística. *Contexturas*, São Paulo, v. 1, p. 77-85, 1992.

CONSOLO, Douglas Altamiro. Posturas sobre avaliação da proficiência oral do professor de língua estrangeira: implicações para o cenário brasileiro. In: FREIRE, M. M., ABRAHÃO, M. H.; BARCELOS, M. F. (Orgs.). *Linguística aplicada e contemporaneidade*. Campinas, SP: Pontes, 2005a. p. 269-287.

_____. *Competência linguística em língua inglesa de alunos de Letras*: definição de parâmetros na formação e avaliação da proficiência oral do professor de língua estrangeira. Projeto trienal de pesquisa. São José do Rio Preto: Unesp, 2005b. [Não publicado].

CONSOLO, Douglas Altamiro; SILVA, Vera Lúcia Teixeira da. *The oral production of university EFL students*: an analysis of tasks, format and quality in foreign language development. Paper presented at The 5th Pacific Second Language Research Forum (PacSLRF), Brisbane, Australia, 2006.

CUNNINGHAM, Sarah; MOOR, Peter et al. *Cutting edge upper-intermediate (student's book)*. Harlow: Pearson Education, 2005.

MARTINS, Teresa Helena Buscato. *Subsídios para a elaboração de um exame de proficiência para professores de inglês*. 2005. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), 2005.

SILVA, Vera Lúcia Teixeira da. *Fluência oral*: imaginário, construto e realidade num curso de Letras/LE. 2000. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), 2000.

Douglas Altamiro Consolo, doutor em Ensino de Inglês como Língua Estrangeira pela The University of Reading, Inglaterra, livre-docente em Língua Inglesa pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp), pós-doutor em Avaliação pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e The University of Melbourne, Austrália. Atua como docente em disciplinas de Língua Inglesa e de Linguística Aplicada, e orienta projetos de iniciação científica, dissertações de mestrado e teses de doutorado. Coordena o curso de especialização Estudos Avançados de Língua Inglesa na Unesp de São José do Rio Preto.

dconsolo@terra.com.br

Priscila Petian Anchieta, licenciada em Inglês e Português pela Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho (Unesp), é mestranda em Estudos Linguísticos, na área de Linguística Aplicada, na Unesp.

pri_anchieta@yahoo.com.br

Maisa Jussara Martins, licenciada em Letras (Inglês e Português) pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp) de São José do Rio Preto.

ma.jussara@yahoo.com.br

Listening Comprehension Test

Part 1/2

'Thanksgiving' is an important celebration in the USA. Listen to Beth Neher talk about this celebration.

Complete the text below (0.4 each = 4.0 marks) and answer the two questions (1.0 each = 2.0 marks) based on what you hear. [From *Cutting edge: upper-intermediate*, module 7].

Thanksgiving is on (a) _____ November. It celebrates the first year (b) _____ of a group of settlers in North America. It's a formal holiday in the USA and there are (c) _____ that day except for a few essential services. And people tend not (d) _____ on the following Friday as well.

It's a typical family holiday. Americans usually prepare and eat a special dinner for Thanksgiving. It usually includes meat like (e) _____, sweet and regular potatoes, some green leaves, cranberry relish and (f) _____. People do not (g) _____ to each other but they may (h) _____, especially to family members who (i) _____. Often there is an American (j) _____ on TV that day and people watch it after dinner.

What difference between Christmas and Thanksgiving is mentioned in the conversation?

Does Beth have happy memories of Thanksgiving Day? Why (not)?

ANEXO 2

Disciplina: *Interação Oral em Língua Inglesa (Ioli)*

Diário da aula nº 23 (última aula) – dia 28 de novembro de 2007

Hoje, antes de entrarem na aula, os alunos se reuniram em grupinhos e conversaram a respeito do término das aulas. Algumas alunas do 4º ano disseram que estavam felizes devido à conclusão do curso. Quando os alunos entraram na sala, uma aluna do 4º ano, que não frequentava a disciplina, estava na porta. O professor a convida para entrar e todos dão risada com a brincadeira. Logo após são feitos os *greetings* habituais.

O professor inicia a aula dizendo que as provas de *listening* serão entregues e discutidas. Ele ressalta que gostaria que todos participassem da discussão de hoje, expressando opiniões a respeito do curso como um todo. Ele afirma que todos os comentários serão muito importantes tanto para ele, como professor, quanto para a aluna P, que desenvolve uma pesquisa cujo *corpus* principal são as aulas de Ioli.

[...]

São feitos alguns comentários a respeito do feriado americano *Thanksgiving*, um dos tópicos abordados na prova de compreensão oral. Poucas pessoas participam da discussão. A sala começa a ficar silenciosa, talvez devido à ansiedade de ver os resultados da prova. O professor lê as questões e as discute oralmente com os alunos. Muitos preferem apenas ouvir; a impressão que se tem é a de que muitos estão um pouco tensos.

Durante a correção, o professor lança mão de exemplos que apareceram nas respostas e comenta aqueles que foram mais frequentes. Ele pergunta qual parte da prova os alunos acharam mais difícil, a primeira ou a segunda. Nesse momento, houve uma divisão entre a sala, visto que, enquanto uns encontraram maior dificuldade ao responder a primeira parte, outros acharam a segunda mais complicada.

Uma aluna do 4º ano diz que o *accent* da apresentadora do programa de TV [*segunda parte da prova*] é de difícil compreensão. O professor aproveita o comentário e lista alguns adjetivos dessa apresentadora, como *funny* e *ironic*. Outra aluna do 3º ano já diz que, embora o *accent* da apresentadora fosse difícil de entender, as imagens favoreciam a associação de idéias, o que facilitou a compreensão do que estava sendo dito.

[...]

As provas são entregues. Todos puderam olhar as correções e argumentar quando necessário. Os discentes conversam paralelamente, comentando a respeito das notas e dos erros. Depois de um certo tempo, o professor entrega um pedaço de papel para cada aluno e pede para que eles escrevam a nota que tinham atribuído a si mesmo, na última aula, em relação à participação nas aulas da disciplina. O professor explica que levará em consideração essa nota, uma vez que a auto-avaliação durante o processo de aprendizagem é muito positiva. Os papéis e as provas são recolhidos.

O professor explica que fará algumas perguntas com o intuito de investigar quais são as impressões e opiniões dos alunos a respeito do curso. Primeiramente, ele diz que percebeu um grande número de faltas e quis saber a causa de tantas

ausências. Uma aluna do 4º ano disse que faltou muito porque tinha muitos afazeres e, por a disciplina ser optativa e mais *light*, resolvia faltar nessas aulas. Já uma aluna do 3º ano disse que, como eles não tinham aula às 14h, muitas vezes iam embora e acabavam não voltando para os encontros de Ioli, que eram às 16h.

[...]

Uma discussão a respeito da disciplina é iniciada. O professor diz que gostaria muito de continuar lecionando essa disciplina e que pretende, com a ajuda dos alunos e suas opiniões, refletir a respeito dos pontos que podem ser melhorados.

[...]

A sala é dividida em grupos para que sejam discutidas questões a respeito do curso, como, por exemplo, se o acharam interessante ou não, quais foram as atividades que mais gostaram, os pontos positivos e negativos.

No grupo do qual a aluna observadora fazia parte foram discutidos aspectos como a apresentação dos seminários, que, segundo o grupo, é muito positiva, pois faz com que os alunos pesquisem e se comuniquem na língua-alvo. A oportunidade que eles tiveram de praticar mais a língua inglesa, a interação e a amizade que foi estabelecida entre os membros da sala e os exercícios de *listening*, segundo eles, colaboraram diretamente para o aperfeiçoamento da habilidade de ouvir em LI.

Depois de discutirem em grupos, os alunos foram convidados a apresentarem suas idéias e opiniões para a sala como um todo.

Primeiramente, a aluna LY disse que o curso foi muito positivo, uma vez que era uma oportunidade a mais que ela tinha de praticar a LI e interagir de forma espontânea. Ela afirmou que o curso foi mais *light*, pois não exigia muito dos alunos e não eram solicitadas atividades a serem realizadas fora da sala de aula. Ela ainda ressaltou que fez novos amigos e se sentiu mais à vontade para se expressar com o decorrer do tempo. Constatções como essas já tinham sido percebidas e registradas pelas alunas observadoras em diários anteriores, o que vem reforçar o que até aqui foi dito e analisado.

Logo depois, a aluna RO afirmou estar feliz por ter conquistado novos amigos e por ter aprendido muito com eles, pois já estão no último ano do curso. Nesse momento, o professor diz que as alunas do 3º ano são tão capazes como as do 4º ano, o que não deixou de ser um incentivo a todas elas.

[...]

A aluna RO disse que o professor foi muito compreensivo em deixar que os alunos escolhessem os tópicos que apresentariam em seus seminários. Ela afirmou ainda que, quando se fala sobre algo que é interessante, a atividade se torna muito mais positiva. O professor explicou que quis dar a chance de os alunos poderem desenvolver a criatividade que possuem e de se sentirem no direito de falar sobre algo que realmente gostassem.

Quando o professor pergunta a respeito do *listening* trabalhado durante as aulas, os alunos do 3º ano afirmaram que as atividades propostas nas aulas de Língua Inglesa III [*outra disciplina do curso*] foram mais fáceis e que a parte da prova de Ioli em que um programa de TV foi mostrado foi, segundo ela, a mais fácil, visto que era possível associar as imagens ao conteúdo apresentado.

Já quase no final da discussão, algumas recomendações foram feitas. Uma delas é a de que o professor trabalhasse bastante com músicas, visto que a maioria dos alunos gostava de atividades com músicas. O professor dá alguns conselhos, dizendo que os alunos, como futuros professores, nunca devem parar de estudar e se dispõe a ajudá-los no que for preciso. Ele ressalta que fará algumas alterações no planejamento da disciplina, levando em consideração o andamento das aulas do ano de 2007 e a opinião dos alunos que delas participaram. Ele agradece a presença de todos e se despede.

Como se pode verificar por meio da fala dos alunos, muitas constatações que haviam sido feitas durante a elaboração dos diários foram reforçadas pelas falas dos próprios alunos, como é o caso da relação de amizade que entre eles foi estabelecida, os pontos positivos das apresentações de seminários e a oportunidade que tinham de se comunicar utilizando a LI. Percebe-se, dessa maneira, que o curso atingiu pontos positivos e contribuiu diretamente para a formação dos alunos, mais especificamente para o desenvolvimento da proficiência oral de cada um.